

JUDICIÁRIO

Alejandro Zambrana/Secom/TSE



Por ser relator dos processos no Supremo contra o ex-presidente, ministro tornou-se um alvo permanente dos bolsonaristas radicais

Moraes deixa apuração sobre irmãos presos

Mas os mantêm encarcerados por serem suspeitos de ameaças à família do ministro

» INGRID SOARES

O ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), manteve a prisão preventiva do fuzileiro naval da ativa Raul Fonseca de Oliveira e de seu irmão, Oliverino de Oliveira Júnior, suspeitos de ameaçar membros da família do magistrado. Mas, na decisão, Moraes se declarou impedido de julgar o caso, já que é vítima.

“Os fatos narrados pela Procuradoria-Geral da República (PGR) são graves e, presentes a comprovação de materialidade e fortes indícios de autoria, apontam a intenção consciente e voluntária dos agentes em restringir o exercício livre da função judiciária, notadamente quanto às investigações decorrentes dos atos praticados no dia 08/01/23”, salientou o ministro.

Os fatos narrados pela Procuradoria-Geral da República (PGR) são graves e, presentes a comprovação de materialidade e fortes indícios de autoria, apontam a intenção consciente e voluntária dos agentes em restringir o exercício livre da função judiciária”

Trecho da decisão do ministro Alexandre de Moraes

Para Moraes, ao pedir a prisão dos suspeitos, a PGR demonstra que “o conteúdo das mensagens, com referências a ‘comunismo’ e ‘antipatriotismo’” confirma que Raul e Oliverino queriam intimidar Moraes por conta das investigações da tentativa de golpe de

Estado pelos bolsonaristas em 8 de janeiro do ano passado.

“Evidente, portanto, a presença dos requisitos necessários e suficientes para a manutenção de ambas as prisões preventivas, apontando, portanto, a imprescindível compatibilização entre Justiça Penal e o direito de

liberdade, contexto que deve ser considerado”, frisou.

Pouco depois da prisão de Raul e Oliverino, o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Beto Simonetti, criticou que tenha partido de Moraes a decisão para que a dupla fosse detida pela Polícia Federal (PF). “A lei brasileira não permite que a vítima julgue o próprio caso”, afirmou Simonetti. O presidente da OAB acrescentou que o STF erra ao julgar pessoas sem foro especial, caso dos dois extremistas.

A PF prendeu Raul e Oliverino na manhã da sexta-feira passada, conforme solicitação da PGR. Eles estavam monitorando a rotina dos parentes de Moraes. Os irmãos foram presos preventivamente, já que as investigações apontaram que a liberdade deles poderia colocar em risco a segurança do ministro.

CONGRESSO

Senador: praias não serão privatizadas

Edilson Rodrigues/Agência Senado

O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), relator da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 03/22, que transfere os chamados Terrenos de Marinha aos proprietários particulares mediante pagamento, defendeu ontem o texto, em suas redes sociais, depois de um **bate-boca** entre o atacante Neymar, do time saudita Al-Hilal, e a atriz Luana Piovani. O parlamentar afirmou que “andam inventando que praias serão privatizadas” e atribuiu a narrativa a “malucos de esquerda”.

A troca de ofensas entre Neymar e Luana potencializou a polêmica sobre a PEC. Ela acusa o jogador de futebol de ter interesse na emenda constitucional por causa de um acordo entre ele e a incorporadora Due, que pretende construir um empreendimento turístico no Nordeste conhecido como Caribe Brasileiro. A assessoria do atleta reforçou que o projeto turístico não será favorecido pela PEC.

Segundo especialistas, a proposta de acabar com taxas cobradas pela União dá margem para a criação de praias privadas, gerando ocupação dessas terras e aumentando, consequentemente, os riscos das mudanças climáticas. Mas, em vídeo publicado no X, o senador afirma que a possibilidade de privatização das praias é uma narrativa inventada.

“Isso é uma grande mentira. Uma narrativa de esquerda está criando, porque o governo está



Segundo Flávio, privatização de praia é narrativa de “malucos de esquerda”

Caneladas pelas redes

Na quinta-feira, a atriz Luana Piovani publicou vídeos nas redes sociais pedindo que as pessoas fossem contrárias à PEC 03/22. Ela acusou o jogador Neymar — que prometeu processá-la judicialmente — de ter interesse por causa de uma parceria em um projeto anunciado como “Caribe brasileiro”, entre os litorais de Pernambuco e Alagoas. Os dois, então, passaram a trocar insultos. A atriz chamou Neymar de “péssimo cidadão” e de “mau caráter”. Ele respondeu que Luana é “maluca”, que deveria por “um sapato na boca” e de querer “lacrar na internet”.

com medo de perder a arrecadação”, acusa o senador. “Imagina se você tem um grande empreendimento que quer se instalar na Bahia e a gente acabou com o foro, com o laudêmio (exemplos de

taxas pagas). Obviamente que o empresário vai ter mais interesse, porque vai ficar mais barato, sim. Ele não vai ter que pagar essas taxas todo ano, nem no caso de transferência de propriedade

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Para nossos jovens, a elite política fracassou

Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil é o segundo país em proporção de jovens entre 18 e 24 anos que não estudam nem trabalham, atrás apenas da África do Sul, num total de 37 países analisados. Os motivos desses jovens estarem sem estudar e sem trabalhar variam conforme a renda familiar, porém, se encontram nessa condição principalmente os mais pobres. Jovens que não estudam, não trabalham e nem procuram emprego majoritariamente moram nas periferias das cidades brasileiras.

A Subsecretaria de Estatísticas e Estudos do Trabalho, do Ministério do Trabalho e Emprego, avalia que dos 207 milhões de habitantes do Brasil, 17% são jovens de 14 a 24 anos, dos quais 5,2 milhões estão desempregados. Ou seja, são 55% das pessoas que procuram emprego e não acham, num universo de 9,4 milhões, dos quais 52% são mulheres e 66% são pretos e pardos. Aqueles que nem trabalham nem estudam e nem procuram emprego — os chamados nem-nem — somam 7,1 milhões, sendo que 60% são mulheres, a maioria com filhos pequenos, e 68% são pretos e pardos.

Cristovam Buarque, ex-governador do Distrito Federal e ex-reitor da Universidade de Brasília, em sua pregação incansável pela educação de qualidade para todos, atribui boa parte da desocupação dos jovens às distorções do nosso sistema de ensino. Uma delas é o fato de que damos mais importância ao ensino universitário do que à educação básica — isto é, os ensinos infantil, fundamental e médio. Diz que o Brasil só vai resolver o problema da desigualdade social quando o filho do pobre tiver uma escola tão boa quanto a do filho do rico, de preferência estudando juntos.

É mais ou menos consensual a conclusão de que, em grande parte, o desinteresse dos jovens pela escola é resultado da má qualidade do ensino, um fenômeno que agora também chegou às universidades, com altos índices de evasão. As mudanças tecnológicas e seus impactos no mercado de trabalho, com a precarização de muitas profissões e o surgimento de novas atividades profissionais ou oportunidades de negócios, ligados às redes sociais e novas tecnologias digitais, fazem com que o desinteresse pela escola cresça entre os jovens, inclusive os de classe média.

Diante disso, chega a ser patético o que está acontecendo com as universidades federais, que deveriam ser a vanguarda da educação voltada para esses novos tempos, com as aulas paralisadas por mais de 60 dias em razão de uma greve de professores e funcionários. Reivindica-se vantagens corporativas sem se dispor a discutir o papel que deveriam ocupar diante da nova realidade, para aumentar a qualidade do ensino, a produtividade científica e a integração às atividades econômicas à realidade social do país.

Fracasso político

Ninguém deve se surpreender: a ultrapassagem da sociedade industrial e sua estrutura de classes faz com que um número crescente de jovens deseje mudanças numa direção radicalmente inversa àquela que pautou a segunda metade do século passado. As utopias de esquerda já não têm o mesmo apelo. Na França, 36% dos jovens de 18 a 24 anos apoiam o Rally Nacional (RN), de Marine Le Pen, enquanto 31% apoiam o Partido da Liberdade (PVV), de Geert Wilders, nos Países Baixos.

Crises econômicas, como a de 2008 e a pandemia, podem ter colaborado para isso, mas é preciso buscar causas mais profundas da apatia e do desengajamento da juventude. O fracasso da escola diante das mudanças que ocorrem nas estruturas produtivas e nas formas de relacionamento social é uma delas. Se a escola e a democracia não oferecerem um caminho para o futuro desejado, surgem outras vias atraentes.

O reacionarismo, que se baseia num passado imaginário, oferece soluções simplificadas e a velha ordem. No nosso caso, nada mais ultrapassado do que a escola cívico-militar, que acaba de ser adotada também pelo governo de São Paulo. Quando jovens não querem estudar, parte dos eleitores sonha com a volta da régua e da palmatória, além de outras formas de castigo para que os jovens rebeldes, lentos ou dispersivos garantam o futuro.

Jovens universitários norte-americanos e de outros países que protestam contra as ações de Israel em Gaza são uma esperança de que nem tudo está perdido. Mas será que também não estão com a cabeça no passado e, por isso, não representam a maioria? Nos Estados Unidos, um país de oportunidades e liberdade de escolhas, é um espanto a emergência da xenofobia contra os imigrantes e o supremacismo racial, que dão resiliência a Donald Trump, agora condenado por um tribunal de Nova York. O novo estilo de vida oferecido aos jovens nas redes sociais é pautado pelo sucesso individual, via empreendedorismo, e na lei do mais forte. Nesse darwinismo social, somente sobreviverá quem se adaptar à nova realidade por esforço próprio. Num país como o Brasil, isso significa aprofundar nossas desigualdades sociais.

A ordem democrática em que vivemos é resultado do encontro de duas gerações: a que viveu o golpe militar de 1964 e aquela que protagonizou a democratização do país, liderada por políticos que construíram essa ponte — como Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, José Sarney, Leonel Brizola e Miguel Arraes. Entretanto, para os nossos jovens, a atual elite política fracassou.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que está no terceiro mandato, é sócio desse fracasso. Entretanto, ainda tem tempo para pensar fora da caixa e apostar na educação. É a via de combate às desigualdades e ao obscurantismo.